

SARA HENRIQUES DOS REIS
Universidade de Lisboa, UNIARQ
sarahenriquesreis@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8702-0666>

REVISITANDO OS PEDESTAIS HONORÍFICOS DE LÚCIO VERO
E MARCO AURÉLIO: NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO
DO CULTO IMPERIAL NA LISBOA ROMANA (*FELICITAS IULIA
OLISIPO*)

REVISITING THE HONORIFIC PEDESTALS OF LUCIUS VERUS
AND MARCUS AURELIUS: NEW ELEMENTS FOR THE STUDY OF
IMPERIAL CULT IN ROMAN LISBON (*FELICITAS IULIA OLISIPO*)

“Conimbriga” LXIV (2025) p. 45-84

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_2

Texto recebido em / Text submitted on: 30/01/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 22/05/2025

RESUMO: As homenagens imperiais dedicadas a Lúcio Vero (FE 756 = FE 796 = AE 2020 416) e Marco Aurélio (FE 745 = AE 2020 415), recentemente encontradas em Lisboa, constituem um caso sem precedentes a nível local e um exemplo paradigmático a nível provincial. Através de uma análise de conjunto a ambos os monumentos, pretende-se complementar e corrigir algumas das

Conimbriga, 64 (2025) 45-84

considerações anteriormente feitas acerca da leitura e interpretação das inscrições, e enfatizar a importância deste conjunto honorífico na evolução do culto imperial em Olisipo, tendo em conta o seu singular valor.

Propõe-se assim uma nova e completa reconstituição do texto de ambos os pedestais, que resultou da comparação com outros paralelos epigráficos provenientes da Lusitânia, da Hispânia e das restantes províncias do império, numa tentativa de se compreender melhor o seu local de implantação original e a razão que levou a optar-se por uma invulgar disposição textual.

PALAVRAS-CHAVE: Felicitas Iulia Olisipo; Lúcio Vero; Marco Aurélio; culto imperial; inscrições honoríficas.

ABSTRACT: The imperial statues offered to Lucius Verus (FE 756 = FE 796 = AE 2020 416) and Marcus Aurelius (FE 745 = AE 2020 415), recently found in Lisbon, constitute an unprecedented case-study at a local and at a provincial level.

Due to its singular value, an analysis to both monuments was carried out in order to complement and correct some of the considerations previously made about the reading and interpretation of the inscriptions; and in order to emphasise the importance of this honorific set in the long-term evolution of the imperial cult in Olisipo.

Is then proposed a new and complete reconstruction of the texts, which resulted from a comparison with other epigraphic parallels from Lusitania, Hispania and other provinces of the empire, in an attempt to understand their original location and the reason why an unusual textual arrangement was displayed.

KEYWORDS: Felicitas Iulia Olisipo; Lucius Verus; Marcus Aurelius; imperial cult; honorific inscriptions.

REVISITANDO OS PEDESTAIS HONORÍFICOS DE LÚCIO VERO E MARCO AURÉLIO: NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DO CULTO IMPERIAL NA LISBOA ROMANA (*FELICITAS IULIA OLISIPO*)

1. Contexto dos achados

O pedestal de Lúcio Vero foi encontrado, no ano 2000, em Telheiras (freguesia do Lumiar, Lisboa), no decorrer dos trabalhos de instalação da rede de distribuição de água, efetuados pela Empresa Portuguesa das Águas Livres (EPAL).

A descoberta da pedra que até então servia de floreira no pátio da Quinta de Alberto Rodrigues de Almeida foi, de imediato, comunicada pelo Arquiteto Fernando Mariano à Associação de Residentes de Telheiras que, por sua vez, alertou o Centro Cultural de Telheiras (CCT) (SALGADO, 2004: 50).

A salvaguarda do monumento epigráfico contou, assim, com os esforços de todos os agentes envolvidos. Graças às diligências do Rev. Padre Manuel Morais e o Dr. F. A. Andrade e Lemos, e à colaboração da firma M. B. Pereira da Costa, a pedra foi transportada para a Igreja Paroquial de Telheiras (Igreja da Nossa Senhora da Porta do Céu), onde a vimos e fotografámos em 2015¹, aí permanecendo até 2020, quando integrou o depósito do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL).

¹ Cabe-nos, desde já, deixar uma palavra de agradecimento a todos os que contribuíram para a realização deste estudo: em primeiro lugar, ao João Pimenta (arqueólogo da Câmara de Vila Franca de Xira e investigador da UNIARQ), quem nos indicou o paradeiro do pedestal de Lúcio Vero; ao Rev.mo Sr.º Padre João Paulo Pimentel que, desde início, nos facilitou o acesso ao monumento na Igreja Paroquial de Telheiras; ao Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) e, especialmente, ao Moisés Campos, técnico de conservação e restauro, pela incansável assistência e pelas pertinentes sugestões no que toca à reutilização do monumento; ao Ricardo Campos, arqueólogo do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO), pelos imprescindíveis contributos

Quando iniciámos o estudo do “pedestal de Telheiras”, a inscrição encontrava-se praticamente inédita, constando apenas numa breve notícia nas 1^{as} Jornadas Histórico-Culturais do Lumiar, dada por Salete Salgado (2004: 49-55), que já referia a existência de uma inscrição lateral, ilegível, possivelmente funerária. Até 2020, a localização do pedestal (inserido num nicho de uma das paredes internas da igreja) dificultou gravemente a sua observação, não permitindo uma leitura válida da inscrição lateral (FIG. 1).

Não obstante, uma das primeiras considerações que fizemos (FE 756 = FE 796) apontava para a possibilidade de ter existido um pedestal semelhante, consagrado pela cidade ao imperador Marco Aurélio, mas que não se havia conservado.

Em junho de 2020, no decurso de um acompanhamento de obra, conduzido pela equipa do Museu da Cidade Teatro Romano, num imóvel no nº 6 da Rua da Saudade² (freguesia de Santa Maria Maior, Lisboa), foi identificado um monumento epigráfico embutido na parede do edifício (FERNANDES *et al.*, 2020: 7). O facto de a sua descoberta ter sido feita enquanto se procediam aos trabalhos de alargamento do vão de acesso à rua, levou a que uma das faces do grande monólito estivesse já praticamente destruída quando foi identificada (FIG. 3).

A outra face, porém, apresenta um texto perfeitamente legível, disposto segundo uma paginação cuidada e uma capital atuariária serifada exemplarmente gravada, que oferecia uma datação consular, remetendo assim a inscrição para o ano de 164 d.C., precisamente, durante o reinado conjunto de Lúcio Vero e Marco Aurélio (FIG. 4).

Não deixa de ser surpreendente a excecionalidade de ambos os achados. No entanto, o elemento que merece a nossa atenção consiste no facto de ser extremamente reduzida a probabilidade de se encontrarem, na mesma cidade, duas homenagens imperiais coevas, ambas gravadas em duas faces distintas. Como veremos de seguida, estes dois pedestais consistiam num conjunto estatutário de culto imperial, mandado fazer, na mesma ocasião, pela cidade de *Olisipo*.

para a leitura e interpretação do texto gravado nas faces laterais dos pedestais; à Dra. Lídia Fernandes, diretora do Museu de Lisboa Teatro Romano, pela pronta colaboração e apoio; e ao desenhador Carlos Loureiro, pela ajuda na reconstrução digital dos monumentos. Por fim, deixamos um agradecimento especial ao Dr. Amílcar Guerra por nos ter acompanhado durante todo o processo de estudo, a quem as palavras não chegam para agradecer a inesgotável confiança, disponibilidade e troca de ideias.

² Precisamente, a rua acima da atual entrada do Museu do Teatro Romano.

2. O culto imperial na Hispânia Romana: as homenagens a Lúcio Vero e Marco Aurélio

O presente capítulo tem em conta apenas as dedicatórias mandadas fazer, na Hispânia, em honra dos imperadores Lúcio Vero e Marco Aurélio. Neste sentido, não foram consideradas inscrições que se insiram no âmbito da documentação jurídica, como leis, decretos ou testamentos; nem *instrumenta*, *miliaria* ou *diplomata militaria*.

Uma característica comum a estes textos consiste na indicação dos imperadores apenas como referência cronológica. Vejam-se os casos do diploma militar de Jerez de la Frontera (HEp 6, 1996, 540), pertencente a um soldado da X cohorte pretoriana, licenciado a 17 de abril de 166 d.C. durante o co-imperialato de Marco Aurélio e Lúcio Vero; do legado testamentário de *Barcino* (CIL II 4514), pertencente a *L. Caecilius Optatus*, centurião da *Legio VII Gemina* e da *XV Apolinaris*, licenciado com honra pelos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero³; mas também a homenagem ao divino Antonino Pio (*Collipo*: CIL II 5232), datada do terceiro consulado de Lúcio Vero (19 de setembro de 167 d.C.), mandada fazer pelo colipolense *Q. Talotius Allius Silonianus*, um soldado *evocatus*⁴ da VI cohorte pretoriana, em razão de o terem feito decurião com dispensa do honorário e de outros encargos públicos (BRANDÃO, 1972: 51-55).

Da mesma forma, não foram consideradas as homenagens cujo índice de fragmentação do suporte não permite uma leitura e interpretação segura do texto, como a inscrição de *Munigua* (AE 1972, 262), onde apenas parece constar o *cognomen* Vero; a de *Norba* (CIL II 762) atribuída a Marco Aurélio antes de subir ao trono; ou, ainda, a inscrição de *Carbula* (CIL II 2/7 729) atribuída a Marco Aurélio depois de subir ao trono.

Foram recolhidas no presente estudo 33 dedicatórias (21 da Hispânia Citerior, 6 da Bética e 6 da Lusitânia) consagradas a Lúcio Vero e Marco Aurélio, que englobam, sobretudo, bases de estátuas honoríficas mas também, altares (Lamas: RAP 508) e placas, quer com inscrições monumentais, destinadas a serem colocadas na parede de edifícios (ve-

³ Destaque-se particularmente o uso da preposição *ab* que rege o caso ablativo, usado no nome dos imperadores para expressar a noção de tempo.

⁴ Um *evocatus* consistia num soldado que, após cumprir o serviço militar, recebia o diploma (*honesta missio*) e, voluntariamente, se voltava a alistar no exército romano, adquirindo assim diversas benesses, como o dobro do pagamento, a dispensa do trabalho manual, entre outras.

ja-se a *tabula ansata Calagurris*: HEp 10, 2000, 420; ou a placa de *Lucentum*: CIL II 5958), quer com inscrições honoríficas (como sugere o uso do dativo), destinadas a servir de revestimento de pedestais (*Pax Iulia*: CIL II 47). De seguida, analisa-se cada inscrição de acordo com a sua distribuição geográfica.

2.1. *HISPANIA CITERIOR*

Da *Hispania Citerior*, contam-se 21 dedicatórias imperiais, das quais: 6 foram consagradas apenas a Lúcio Vero (*Barcino*: AE 1966, 206; *Brigantium*: HEp 4, 1994, 329; *Tarraco*: CIL II 4099; CIL II 2/14, 908; CIL II 4100; CIL II 6081), enquanto 7 remetem a Marco Aurélio (*Acci*: CIL II 3392; *Barcino*: CIL II 4503; *Brigantium*: HEp 4, 1994, 328; *Libisosa*: CIL II 3234; *Tarraco*: CIL II 4098; *Tugia*: CIL II 3328; *Villalís*: IRPLeon 40) e 8 a ambos os imperadores (*Calagurris*: HEp 10, 2000, 420; *Legio*: IRG 4, 61; *Lucentum*: CIL II 5958; *Villalís*: CIL II 2552-2553, 2555-2556; IRPLeon 37).

2.1.1. Homenagens em contexto municipal

A homenagem estatutuária mandada fazer pela colónia de *Acci* a Marco Aurélio apresenta um formulário muito simples, referindo apenas o nome do imperador antes de subir ao trono (*Aurelius Verus*) e o desempenho do 2º consulado (CIL II 3392), remetendo assim aos anos entre 145-161 d.C. (LASSÈRE, 2011: 1010).

É possível observar a mesma simplicidade de formulário no grupo de inscrições encontradas na capital provincial (5). Em *Tarraco* destacam-se duas homenagens consagradas a Lúcio Vero, antes da subida ao trono, que referem apenas a sua filiação (CIL II 4099 e CIL II 2/14, 908); e ainda outras duas homenagens, desta vez, um pedestal dedicado ao imperador Lúcio Vero (CIL II 4100) e outro ao imperador Marco Aurélio (CIL II 4098).

As semelhanças observadas na tipologia dos suportes, nas características paleográficas e no formulário utilizado, apontam para que ambos os pedestais tivessem sido mandados fazer na mesma ocasião, funcionando como um indissociável conjunto de culto ao poder imperial (BONNEVILLE, 1982: 373).

Tendo em conta o espaço existente na parte inferior do campo epigráfico, não deixa de surpreender a ausência da filiação, de titulatura imperial, dedicantes e/ou da autorização oficial para a colocação dos monumentos em espaço público, através da fórmula *ex decreto decurionum*.

Ainda da capital provincial, destaca-se a única homenagem póstuma consagrada a *Divo Vero* na Hispânia (CIL II 6081), isto é, posteriormente à sua divinização. Segundo J. M. Højte (2005: 137-38), Lúcio Vero foi dos imperadores que menos estátuas póstumas recebera, porventura, porque “he had only been a Junior colleague to an emperor who was still reigning”.

Em *Barcino*, também se conservaram dois pedestais honoríficos consagrados, respetivamente, a Lúcio Vero (AE 1966, 206) e a Marco Aurélio (CIL II 4503), todavia, estes não terão feito parte da mesma homenagem (BONNEVILLE, 1982: 374), como sugere a complexidade do formulário utilizado na primeira, face à simplicidade do usado na segunda, que encontra paralelo no pedestal de *Tarraco* consagrado ao mesmo imperador (CIL II 4098).

Ainda no âmbito do raríssimo grupo das homenagens mandadas fazer em suportes distintos que ambos se conservaram, destacam-se os altares de *Brigantium* (La Coruña, Galiza), colocados por *Reginus*, um escravo imperial (*verna Augustorum*), a Marco Aurélio (HEp 4, 1994, 328) e a Lúcio Vero (HEp 4, 1994, 329). *Reginus* desempenha o cargo de *exactor*, consistindo assim num funcionário imperial encarregue de recolher os impostos e/ou, porventura, cobrar uma taxa aos barcos que faziam escala no porto de *Brigantium* (WEAVER, 1972: 53).

Apesar de se tratarem de ex-votos, note-se o uso do dativo no nome dos homenageados, confirmando que além do cariz religioso, o ato consistiu igualmente numa dedicatória ao poder imperial (RODRÍGUEZ COLMENERO, 2005: 885-886).

Marco Aurélio surge ainda numa homenagem mandada fazer em 166-167 d.C. pela *colonia Libisosanoru[m]* (*Libisosa*: CIL II 3234), onde se destaca a filiação até ao 4º grau e uma completa e rigorosa titulatura imperial (semelhante ao que encontraremos em *Olisipo*).

Já na dedicatória de *Tugia* (CIL II 3328), a parte inferior do suporte encontra-se tão danificada que não permite saber ao certo se Marco Aurélio fora homenageado sozinho ou acompanhado. Todavia, o termo *Caesari* na l.4 sugere a existência de uma segunda personagem que, à

partida, não seria Lúcio Vero mas, mais provavelmente, o César Cómodo.

Em *Calagurris* (Calahorra, La Rioja) conserva-se o fragmento direito de uma *tabula ansata* que contém o que resta da titulação de dois imperadores, indicando que o segundo teria a posse do primeiro poder tribunicio enquanto desempenhava o segundo consulado, esses imperadores seriam Marco Aurélio e Lúcio Vero (HEp 10, 2000, 420).

Á. Jordán (2006) e G. Alföldy (2007) avançam com várias propostas de reconstrução do texto, inclusive, reconstituindo os nomes dos imperadores no dativo, apesar de não se conservarem quaisquer evidências na pedra.

É mais provável, porém, que a placa, destinada a ser colocada na parede de um edifício, comemorasse a reconstrução de alguma parte arquitetónica, como poderá indicar o último termo “[*restituit*”, que teria ocorrido durante o reinado de Marco Aurélio e Lúcio Vero, cujos nomes deveriam ser assim reconstruídos no nominativo, tal como vemos na inscrição monumental seguinte.

Na placa de mármore de *Lucentum*, da qual apenas restam dois fragmentos, são reconstruídos o nome de dois imperadores no nominativo, Marco Aurélio e Cómodo, [*Imp(erator) Caes(ar) M(arcus) Aurelius An[toninus et / [Imp(erator) Caes(ar) L(ucius) Aurelius Commod]us Augg(usti) Ger(manici) Sar(matici) / [- - - m]unicipi Lucent[i(norum)] / - - - - -* (CIL II 5958).

É muito difícil, porém, avançar seguramente com uma proposta de interpretação desta inscrição além do óbvio: estaria destinada a ser encastrada na parede de um edifício público, em cujas obras o *municipium Lucent[i(norum)]* ou os *[municipes m]unicipi Lucent[i(norum)]* poderiam ter tido algum tipo de intervenção, desde a (re)construção, acréscimo ou doação de algum elemento arquitetónico ou ornamental, entre 177-180 d.C., durante o governo de Marco Aurélio e Cómodo.

G. Alföldy (2003: 45, nota 67) avança, todavia, com uma proposta mais arrojada, defendendo poder tratar-se de um texto jurídico, porventura, uma epístola imperial dirigida à comunidade de *Lucentum*, onde figuraria algum tipo de favor ou doação concedidos. Neste sentido, ao termo *[m]unicipi Lucent[i(norum)]* sucederia uma fórmula do tipo *in honorem, in favorem*, ou similar.

2.1.2. Testemunhos de culto imperial em contexto militar

Do noroeste da província tarraconense, destaca-se um núcleo de inscrições muito particular, realizadas em âmbito militar, cujos textos apresentam, simultaneamente, um claro teor votivo, político e honorífico.

Tal como a disciplina, obediência e treino, também os atos de culto oficial faziam parte da vida quotidiana de um soldado num acampamento militar. Aqui, a religião oficial era composta pelo culto às divindades tradicionais romanas e pelo culto ao poder imperial.

A relação entre o culto a *Iupiter Optimus Maximus* e o culto ao imperador era evidente, mesclando-se nas cerimónias religiosas que serviam de reafirmação do que era recitado no *sacramentum*, o juramento de lealdade feito pelos soldados ao imperador.

Segundo L. Sagredo San Eustaquio e A. Jiménez de Furundarena (1996: 292) “estas manifestaciones de piedad que vinculaban los cultos a Júpiter, a las insígnias y a los emperadores, además de una función religiosa clara, fuera también una manifestación de lealtad al ejército, al emperador, a Roma y a su dios tutelar”. Este culto oficial foi praticado com grande intensidade no mundo militar do noroeste hispânico, tendo como um dos núcleos centrais o *conventus Asturum*, onde estariam estacionadas as unidades auxiliares da *legio VII Gemina*, que controlavam a zona mineira da província de León. Nas localidades de Villalís (CIL II 2552; CIL II 2553; CIL II 2554; CIL II 2555; CIL II 2556; IRPLeón 37, 40-41), Luyego (IRPLeón 32 e 70) e León (IRG 4, 61), foi encontrada uma série de votos consagrados à divindade suprema do panteão romano, *pro salute Imp(eratoris)*, isto é, pela incolumidade do imperador enquanto garante da *Pax Romana*, por sua vez, mantida pelo exército. Estas inscrições comemoravam ainda a atribuição das insígnias (a *aquila* à *Legio VII Gemina*, o *signum* à *Cohors I Celtiberorum* e o *aprunclorum* à *Cohors I Gallica*) no *dies natalis* da respetiva unidade militar (SANTOS YANGUAS, 2009: 366-67).

O cariz simultaneamente religioso, mas também político e militar, destes testemunhos encontra-se patente na própria ação cultural. Note-se que a colocação destes altares consistia num ato público e oficial, realizado perante todo o exército pelos mais altos representantes do poder imperial, os *procuratores Augusti*⁵ (HERNÁNDEZ GUERRA, 1999:

⁵ A presença de representantes do poder imperial nestas celebrações oficiais,

133-34). Nesta celebração, porém, participaria toda a hierarquia militar, desde os mais humildes *milites* aos mais altos oficiais do exército.

Entre os dedicantes constam os *centuriones* da legião, os *decuriones* das unidades auxiliares, os *procuratores Augusti* e, ainda, os *signiferi*, *imaginiferi* e *tesserarii* da legião ou de cada *cohors* auxiliar (SANTOS YANGUAS, 2009: 384).

A oficialidade destes atos manifesta-se igualmente no uso da datação consular, que permite documentar a realização destas cerimónias de culto oficial durante a dinastia Antonina, pelo menos, desde Adriano (?)⁶ (Luyego: IRPLeon 32) a Cómodo (Villalís: *EAstorga 119*; IRPLeon 41).

Neste período, destaca-se o núcleo de altares colocados pela saúde de Marco Aurélio e de Lúcio Vero em 10 de junho de 163 d.C. (Villalís: CIL II 2552; *Legio*: IRG IV, 61), 22 de abril de 166 d.C. (CIL II 2556), 15 de outubro de 167 d.C. (CIL II 2553) e, ainda, entre 161-169 d.C. (CIL II 2555), não se conservando a datação consular devido à fragmentação do suporte. Da mesma forma, também no IRPLeon 37 não é possível confirmar a datação nem sequer se o voto incluía também Lúcio Vero.

Marco Aurélio continua a surgir nestas inscrições após a morte de Lúcio Vero, nomeadamente, no voto de 175 d.C. (Villalís: *EAstorga 117*; IRPLeon 40); continuando posteriormente esta tradição com Cómodo: em 181 d.C. (Luyego: IRPLeon 70), 184 d.C. (Villalís: CIL II 2554) e 191 d.C. (Villalís: *EAstorga 119*; IRPLeon 41).

2.2. BAETICA

Na *prouincia* da *Baetica* conservam-se 6 testemunhos epigráficos: três dedicados a Lúcio Vero (Fiñana: CIL II 3399; *Ilurco*: CIL II 2/5, 679; *Iluro*: CIL II 1946); dois a Marco Aurélio (*Hispalis*: CIL II 1169; *Tucci*:

nomeadamente, de *procuratores Augusti*, libertos do imperador, consiste num evidente testemunho do controlo imperial nas extrações auríferas realizadas nas áreas mineiras regionais (HIRT, 2010: 76-77 e 120).

⁶ O primeiro voto conservado não apresenta um formulário exactamente igual aos restantes, todavia, não podemos esquecer que estes cultos eram dinâmicos e que se encontravam em permanente evolução, podendo este tratar-se de um exemplo precoce do que vieram a ser este tipo de cerimónias no seu apogeu ou podemos estar perante uma tendência local (Luyego) face aos restantes votos de Villalís. Consiste assim num voto consagrado a *[IOM] pro salute Hadriani*, colocado no *dies natalis* da legião, mas termina com a fórmula votiva *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, estando ausente a datação consular (Luyego: IRPLeon 32).

CIL II 2/5, 59); e um a ambos os imperadores (*Iliturgicola*: CIL II 1643).

2.2.1. Homenagens em contexto municipal

A homenagem de *Ilurco* (La Mála, Granada) foi mandada fazer pelo *ordo decurionum* a Lúcio Aélio Cómodo antes da sua ascensão ao trono (CIL II 2/5, 679). Note-se que a inscrição é datada pelo ano dos dúunviros em funções, *C. Annius Seneca* e *Q. Cornelius Macrus*, que surgem igualmente numa dedicatória ao imperador Antonino Pio, consagrada no mesmo ano (CIL II 2/5, 678). Neste sentido, é plausível pensar que também se tivesse verificado, pela mesma ocasião, uma homenagem a Marco Aurélio que não se conservou.

Na Bética conservam-se ainda as únicas dedicatórias relacionadas com o âmbito sacerdotal: uma consagrada ao imperador Antonino Pio e aos césares M. Aurélio Vero e L. Aélio Cómodo, “ob honorem seviratus” (*Iliturgicola*: CIL II 1643); e outra apenas ao imperador Marco Aurélio, “ob honorem pontificatus” (*Tucci*: CIL II 2/5, 59).

A primeira consiste numa dedicatória coletiva (CIL II 1643), onde se refere explicitamente a oferta de estátuas (*statuae sacrae*) patrocinadas por um liberto, *C(aius) Annius*⁷ *Praesius*, após ser eleito ao sevirato. A inscrição data do reinado de Antonino Pio, entre 138 d.C., quando os príncipes foram adotados, e 161 d.C., quando sobem ao poder (STYLOW, 1983: 276).

Por sua vez, a inscrição de *Tucci* (Martos) documenta uma atitude típica das elites provinciais, bem atestada na Bética, que se prende com munificência pública. Note-se que este fenómeno consistiu num importante aspeto da vida pública romana, especialmente no caso das mulheres, às quais estaria interdita a carreira política. Neste caso, a munificência pública mostrou-se como a melhor – e única – via para a auto-representação social.

Neste contexto, Annia Severa manda fazer uma homenagem a Marco Aurélio, ob honorem pontificatus do seu marido, M. Sergius Maternus (CIL II 2/5, 59). Além da estátua, Annia Severa ofereceu também um banquete e jogos de circo, atividades que usualmente acompanhavam a inauguração deste tipo de dedicatórias, evidenciando assim, de forma clara, o seu poder económico (NAVARRO CABALLERO, 2017: 59).

⁷ Note-se que o gentílico *Annius* remete à *gens* de Marco Aurélio.

A inscrição é datada pela titulatura imperial do ano 166 d.C., durante o reinado conjunto de Marco Aurélio e Lúcio Vero, sugerindo que também tivesse sido dedicado pela mesma ocasião um pedestal honorífico a este imperador.

De Iluro (Alora, Málaga), destaca-se a homenagem dedicada a Lúcio Vero, no ano 164 d.C. (tal como a dedicatória de Olisipo), mandada fazer pela res publica da cidade mediante decreto do ordo decurionum, tendo como superintendente (sub cura) um indivíduo conhecido apenas por Vibianus (CIL II 1946).

Já a dedicatória de Fiñana (Almería) consagrada a Lúcio Vero (CIL II 3399) apresenta algumas incoerências na titulatura imperial. A inscrição começa por referir o nome do imperador, sem filiação, acompanhado dos cognomina militares, Armeniacus, Parthicus Maximus e Medicus. Seguem-se o título de pontifex maximus (erradamente atribuído a Lúcio Vero), o V poder tribunício e o III consulado. Ora, por um lado, Lúcio Vero foi nomeado cônsul pela terceira vez quando desempenhava o VII poder tribunício e não o V; por outro lado, o título Medicus só lhe fora atribuído no final de 165 d.C., quando desempenhava o VI poder tribunício. A iteração do poder tribunício deverá ser corrigida para VII, remetendo-a para o período entre 166-167 d.C.

As discordâncias na titulatura imperial podem dever-se ao facto de a dedicatória não consistir numa homenagem oficial consagrada pelas instituições públicas do município, mas por um privado. Neste contexto, destaca-se o dedicante, o primus pilus L. Alfenus Avitianus, tribuno da terceira cohorte de vigilantes noturnos da décima segunda região urbana (tribunus cohortis III vigilum XIII urbanae). O contexto cultural parece claro: um soldado presta homenagem a Lúcio Vero na sua condição de general vitorioso, como atesta a importância dada aos títulos militares.

2.2.2. As homenagens no seio das corporações: os “scapharii de Hispalis”

Destaque-se um interessante conjunto de homenagens de *Hispalis*, com um forte carácter económico e administrativo, mandadas fazer pelos *scapharii qui Romulae negotiantur*.

Os *scapharii*, assim designados pelo tipo de embarcação que utilizavam – as *scaphae* –, eram barqueiros que formavam um *collegium* de

transportadores fluviais, cuja tarefa consistia no transporte das mercadorias, de vários pontos do Bétis, para o abastecimento da *annona* em Roma.

Em 146 d.C., dedicaram *d(e) s(ua) p(ecunia)* uma homenagem ao César Marco Aurélio, enquanto herdeiro imperial (CIL II 1169) e uma homenagem ao imperador Antonino Pio (CIL II 1168), sugerindo assim ter existido um terceiro pedestal dedicado a Lúcio Vero que completaria esta série honorífica.

Mais tarde, entre 161-169 d.C., os *scapharii* de *Hispalis* dedicam uma homenagem a *Sextus Iulius Possessor*, procurador imperial designado especialmente para o controlo das margens do Bétis (*procurator Augg(ustorum) ad ripam Baetis*) e delegado local (*adiutor*) do *praefectus annonae* (CIL II 1180). As suas funções, bem detalhadas na inscrição, passariam por controlar o transporte de mercadorias, especialmente o trigo e o azeite hispânico e africano, com destino ao abastecimento da *annona*, e por compensar estas corporações de *navicularii* pelos seus serviços.

Esta inscrição enfatiza a relação próxima existente entre os *navicularii* e o *adiutor*, de quem dependiam economicamente, e que fora merecedor de uma homenagem pela sua integridade e singular sentido de justiça (“ob innocentiam iustitiamque eius singularem”). Note-se, por fim, a referência no texto ao reinado de “Imperatoribus Antonino et Vero Augustis” para datar a homenagem, como sugere o caso ablativo usado nos nomes imperiais.

2.3. LUSITANIA

Da *prouincia Lusitania* contam-se 6 testemunhos: três de Lúcio Vero (*Ammaia*: CIL II 158; *Olisipo*: AE 2020, 416; *Pax Iulia*: CIL II 47), dois de Marco Aurélio (*Myrtilis*: CIL II 15; *Olisipo*: AE 2020, 415); e uma inscrição a Marco Aurélio ou Lúcio Vero (Lamas: RAP 508). Note-se que metade das homenagens pertencem ao *conventus Pacensis* (*Ammaia*, *Myrtilis* e *Pax Iulia*) e a outra metade ao *Scallabitanus* (Lamas; *Olisipo*).

2.3.1. Homenagens em contexto municipal

A homenagem proveniente de *Ammaia* (São Salvador de Arame-nha, Marvão) a Lúcio Vero consiste num pequeno pedestal de granito (48 x 36 x 25 cm) mandado fazer pelos munícipes da cidade, em 161 d.C., por ocasião da sua subida ao trono (CIL II 158). Note-se que, ape-

sar de ser uma homenagem oficial, verificam-se algumas incoerências na titulatura imperial, concretamente, na atribuição dos títulos *pontifex maximus* (exclusivo a Marco Aurélio) e *pater patriae* (só em 166 d.C.).

Da capital conventual, *Pax Iulia* (Beja), conserva-se uma placa com uma inscrição honorífica consagrada pela própria colónia a Lúcio Vero, por decreto dos decuriões, antes de este subir ao trono, remetendo assim para o período entre 138-161 d.C. (CIL II 47). Não obstante, veja-se como a inscrição oferece uma datação mais específica (embora hoje nos sirva de pouco uma vez que não possuímos os *fasti* municipais), dada através da referência, em ablativo, aos magistrados que, nesse ano, desempenhariam o duunvirato, nomeadamente, *Q. Petronius Maternus* e *C. Iulius Iulianus*.

Da mesma forma, Marco Aurélio recebe uma homenagem em *Myrtilis* (Mértola) (CIL II 15) mandada fazer pelos *m(unicip)es m(unicipii) myr[tilensi]s*, representados através dos duúnviros *C. Iulius Marinus* e *C. Marcus Optatus*, com autorização oficial dada *ex decreto decurionum*.

Um altar de Lamas (Cadaval), cuja metade superior se encontra muito erudida devido a uma intensa exposição aos agentes atmosféricos, tem vindo a ser atribuído a Marco Aurélio. Todavia, apenas se conserva a metade final da filiação “- - *-Ii pronepoti divi Ner[vae ab] nepoti*” (RAP 508), que indica que o homenageado seria um dos netos de Trajano e bisneto de Nerva. Nestas circunstâncias, poderíamos estar perante tanto Marco Aurélio como Lúcio Vero. O restante texto apresenta uma difícil leitura, porém, parece seguro afirmar que termina igualmente com a indicação dos magistrados municipais, neste caso, os *quattuorviri* da cidade (GARCIA, 1991: 476-478).

Os casos de *Olisipo* serão, de seguida, analisados individualmente.

2.4. Algumas considerações gerais acerca do conjunto de homenagens hispânicas

2.4.1. Os dedicantes

À escala do império, os principais promotores das dedicatórias honoríficas consagradas a Lúcio Vero e Marco Aurélio foram as cidades/comunidades através dos seus órgãos administrativos, seguidas por indivíduos privados e militares (HØJTE, 2005: 604). Este panorama encontra paralelo na realidade hispânica.

Parte dos testemunhos analisados encontra-se fragmentada na sua metade inferior não conservando, por isso, registo dos dedicantes. Todavia, dos que restam (23), cerca de metade (11) são dedicados pelas cidades/comunidades: na Hispânia Citerior, a *colonia Accis* (CIL II 3392), a *colonia Libisosanoru[m]* (CIL II 3234) e o *municipium Lucent[i(norum)]* (CIL II 5958); na Bética, o *ordo decurionum Ilurconensium* (CIL II 2/5, 679) e a *res publica Ilurensium* (CIL II 1946); e na Lusitânia, os *municipes Ammaiensens* (CIL II 158), a *colonia Pax Iulia* (CIL II 47), os *municipes municipii Myrtilensis* (CIL II 15); e, possivelmente, a cidade de *Eburobritium* (?) (Lamas: RAP 508), através dos seus *quattuorviri*.

A presença de magistrados municipais nestas dedicatórias é um elemento crucial para entender melhor o contexto cultural em que foram mandadas fazer as inscrições de *Olisipo* e, porventura, auxiliar na reconstrução do texto em falta. Note-se que, na Hispânia, a indicação dos magistrados municipais surge apenas em 7 casos, sendo a maioria proveniente da Lusitânia (*Olisipo*, AE 2020, 415-416; Lamas: RAP 508; *Myrtilis*: CIL II 15; *Pax Iulia*: CIL II 47) e apenas um, da Bética (*Ilurco*: CIL II 2/5, 679).

A representação dos dedicantes municipais nas três províncias hispânicas mostra-se bastante desigual: apenas 3 na Hispânia Citerior, 2 na Bética e 6 na Lusitânia. É de destacar o facto de, na última província, estes representarem 100% das homenagens lusitanas. Nas restantes províncias, estão melhor representados os dedicantes privados, variando entre sacerdotes, soldados, funcionários imperiais, munificentes públicos e corporações.

No âmbito militar, destaca-se o núcleo da Hispania Citerior (8 = 34,8%), a única província hispânica com presença de exército, nomeadamente as dedicatórias de Villalís e Luyego (CIL II 2552-2553, 2555-2556; IRG IV, 61; IRPLEon 37 e 40) que incluem *procuratores Augusti, signiferi, imaginiferi e tesserarii* (vide cap. 3.1.2); e, ainda, o *primus pilus* de Fiñana, *L. Alfenus Avitianus* (CIL II 3399).

No grupo dos dedicantes privados, entre os sacerdotes destaca-se o *sevir*, *C. Annius Praesis* (*Iliturgicola*: CIL II 1643) e entre os munificentes locais, *Annia Severa* (*Tucci*: CIL II 2/5, 59) que manda fazer a dedicatória imperial *ob honorem pontificatus*, em nome do seu marido.

No âmbito financeiro e comercial, destaca-se a dupla dedicatória do *exactor Reginus*, um escravo imperial (*uerna Augustorum*) encarregue de

recolher os impostos (*Brigantium*: HEp 4, 1994, 328-329); e a dedicatória dos *scapharii* de *Hispalis*, uma corporação de navegadores encarregues de fazer o transporte de mercadorias ao longo do rio (CIL II 1169).

2.4.2. Distribuição Geográfica

Em primeiro lugar, tratando-se de um co-imperialato, é plausível pensar que, quando chegasse a altura de mandar fazer uma dedicatória imperial, as cidades provinciais mandassem fazer – simultaneamente – uma homenagem conjunta a ambos os imperadores, especialmente no caso das homenagens estatutárias que exigiam dois suportes distintos.

Apenas em casos pontuais poderia não se verificar esta situação, por exemplo, quando a dedicatória era mandada fazer por um dedicante privado, que poderia optar por um dos imperadores.

Neste contexto, tratando-se de dedicatórias oficiais mandadas fazer em contexto municipal, é expectável prever que tivessem existido dois pedestais honoríficos que serviriam de base, respetivamente, às estátuas de Marco Aurélio e Lúcio Vero, mas que, por contingências várias, um deles não se conservou.

No que toca à concentração e distribuição dos testemunhos epigráficos, atente-se ao caso de *Tarraco*. Note-se o contraste verificado entre o número geral de dedicatórias conservadas em *Tarraco*, face às restantes capitais provinciais, nomeadamente, *Augusta Emerita* e *Corduba*. Nestas, a total ausência de testemunhos consagrados a estes imperadores (mas também, por exemplo, a Antonino Pio⁸ ou a Cómodo) numa época de apogeu do hábito epigráfico, pode justificar-se, em parte, pelo fenómeno tardio de reutilização de pedestais honoríficos anteriores (cf. MATEOS CRUZ e MORÁN SÁNCHEZ, 2020).

Por outro lado, a quantidade de homenagens a Lúcio Vero na capital provincial (duas antes de subir ao trono: CIL II 4099; CIL II 2/14, 908; e uma como imperador: CIL II 4100) contrasta com as de Marco Aurélio, apenas uma (CIL II 4098). Não é plausível pensar que não tivesse sido mandado fazer o mesmo número de dedicatórias a ambos os imperadores, todavia, as de Marco Aurélio não chegaram até hoje.

Os únicos casos, além dos de *Olisipo*, em que se conservaram as duas homenagens⁹, consistem nos votos privados do escravo *Reginus*,

⁸ Conserva-se em *Emerita* apenas uma homenagem a *Divo Antonino Pio* (CIL II 480).

⁹ Como já tivemos oportunidade de referir, os pedestais de *Barcino* dedicados a

em *Brigantium* (HEp 4, 1994, 328-329) e nos pedestais honoríficos de *Tarraco* (CIL II 4098 e 4099).

3. Revisitando o culto imperial na cidade de *Olisipo*

A descoberta das inscrições de Lúcio Vero e Marco Aurélio fez ultrapassar a dezena de homenagens imperiais conhecidas em *Olisipo*, que refletem a intensa adesão da cidade ao culto imperial¹⁰ desde o séc. I d.C. até ao séc. III d.C.

O seu formulário espelha uma atitude conservadora, típica de um importante centro cosmopolita que beneficiava de uma população fortemente romanizada e de uma vida sócio-política com um elevado grau de dinamismo, típico de um ativo porto comercial (MANTAS, 1994: 73).

Do século I d.C. destacam-se: o pedestal dedicado a Augusto divinizado pelos augustais *C. Arrius Optatus* e *C. Iulius Eutichus* (CIL II 182), dois libertos que pertenceram a duas das principais *gentes* da elite municipal (QUINTEIRA e ENCARNAÇÃO, 2009a: 185-87; *idem*, 2009b: 143-46; CAESSA e ENCARNAÇÃO, 2012: 489); duas homenagens consagradas ao imperador Nero (CIL II 183-184), uma gravada no *proscenium* do teatro, mandada fazer por *C. Heius Primus, augustalis perpetuus* (FERNANDES, 2005: 29-34; FERNANDES e CAESSA, 2006/07: 109), e outra, com os caracteres muito desgastados, cujo nome do imperador fora reconstruído com base na inscrição anterior (GARCIA, 1991: 469); e ainda uma dedicatória, hoje desaparecida, mandada fazer pela cidade ao imperador Vespasiano (CIL II 185), em 73 d.C., porventura, em comemoração da extensão do direito de cidadania romana a todos os habitantes da Hispânia (CAESSA e ENCARNAÇÃO, 2012: 489).

Do século II d. C. contam-se as homenagens consagradas a: *Mattia Augusta* (CIL II 4993), filha do imperador Nerva, sobrinha de Trajano e mãe da imperatriz Sabina, mandada fazer pela cidade, em 107 d.C., estando representados os duúnviros *Q. Antonius Gallus* e *T. Mar-*

Marco Aurélio (CIL II 4503) e a Lúcio Vero (AE 1966, 206) não fazem parte da mesma homenagem, isto é, foram mandados fazer em ocasiões distintas, como sugere a titulação e formulário.

¹⁰Na última década tivemos oportunidade de realizar alguns estudos sobre o culto imperial no *municipium Olisiponense*, vide particularmente (REIS, 2015; 2019).

cius Marcianus (MANTAS, 2005: 30-31; ALMEIDA, 2006: 85); ao casal imperial, Adriano (CIL II 186) e Sabina Augusta (CIL II 4992), entre 126-127 d.C., pela cidade sob os duúnviros, *M. Gellius Rutilianuse L. Iulius Avitus* (MANTAS, 2005: 34-35 e 45).

Nesta sequência, seguem-se as dedicatórias a Marco Aurélio e Lúcio Vero (AE 2020, 415-416) e, logo depois, a homenagem a Cómodo (CIL II 187), enquanto dividia o governo com o pai, Marco Aurélio (176-180 d. C.), consagrada pela cidade através dos duúnviros *Q. Coelius Cassianus* e *M. Fulvius Tuscus* (MANTAS, 1982: 77; 2005: 34-36).

No início do séc. III d.C., conservou-se num santuário situado na foz do rio de Colares, no *ager olisiponense*, um pequeno altar consagrado ao Sol e à Lua pela eternidade do império e pela saúde do casal imperial, Septímio Severo e Júlia Domna, e dos herdeiros do império, Caracala e Geta (CIL II 259), por um legado do imperador (RIBEIRO, 2011; 2019).

Em 248 d.C., *Olisipo* consagra a última homenagem oficial conhecida ao imperador Filipe, o Árabe (CIL II 188), indicando que, em plena época de “crise”, a cidade continuava a prestar culto ao imperador segundo os moldes tradicionais (note-se, porém, a ausência dos magistrados municipais) (MANTAS, 2005: 27).

3.1. As homenagens a Marco Aurélio e Lúcio Vero: nova proposta de leitura e tradução

Para reconstruir o texto em falta nas homenagens de Marco Aurélio e Lúcio Vero foram usadas inscrições provenientes da própria cidade de *Olisipo*, como da Lusitânia e também de outras províncias da Hispânia e do império, como paralelos epigráficos.

Numa análise comparativa, foi dada especial atenção à evolução da sequência composta pelos seguintes elementos: “filiação + titulatura + dedicante + fórmula *D. D.* + cônsules + magistrados”, que nos ajudam a entender melhor certas particularidades do texto em falta nas homenagens de Lúcio Aurélio e Marco Aurélio.

As homenagens de *Olisipo* a Marco Aurélio e Lúcio Vero consistem em dois monólitos de calcário de lioz rosado (material característico da epigrafia olisiponense), que corresponderiam a pedestais honoríficos destinados a suportar a estátua dos respetivos imperadores (FOTS. 1-4).

Para mais informações acerca da descrição do suporte, dimensões das letras, dos espaços interlineares, paginação ou questões paleográficas, vejam-se as respetivas notícias da descoberta das inscrições em FE 745 e FE 756 = 796¹¹. Tenham-se apenas em conta algumas considerações.

Em primeiro lugar, a inscrição de Lúcio Vero observa uma interessante opção paleográfica: apesar de a altura das letras se manter nos 5 cm, verifica-se uma extensão da haste do ‘T’ (5,8 cm), no *cognomen* honorífico ‘PARTHICO’ (l.4), para compor o nexo entre os caracteres ‘TH’, permitindo assim manter na mesma linha, o 3º grau da filiação imperial, que apresenta o maior número de caracteres da inscrição.

No que toca à presença de *puncti distinguentes*, podemos encontrá-los em ambas as inscrições, sendo assim outra das características paleográficas partilhadas¹². Na de Lúcio Vero observa-se, na l.4, um pequeno ponto circular entre os termos *Parthic(i)* e *Pron(epoti)*; já na de Marco Aurélio, segundo os autores, “parece ter havido intenção de gravar uma *hedera* antes de CELSO. Há, quase imperceptível, uma outra, sagitada, de ponta para baixo e pecíolo muito breve, após o M da penúltima linha” (FERNANDES *et al.*, 2020: 7).

Por fim, no que toca às dimensões das peças, o pedestal de Marco Aurélio conserva (57) x (68) x (23) cm e o de Lúcio Vero (66) x (75) x (64) cm, enquanto os restantes pedestais honoríficos olisiponenses apresentam, em média, c. 90 cm de altura. Neste panorama, ambos os suportes apresentam um significativo nível de destruição, no qual é nítido o desgaste de todas as suas arestas, não se conservando praticamente nenhuma das margens originais dos respetivos campos epigráficos, resultado dos múltiplos afeiçoamentos sofridos ao longo do tempo, para dar à pedra uma melhor adaptação às suas novas funções. Este processo levou à perda integral de várias linhas tanto no início como no fim das inscrições.

3.1.1. A inscrição da face frontal do pedestal de Lúcio Vero

A inscrição da face frontal do pedestal de Lúcio Vero conserva as 4 linhas centrais (ls.3-6) e vestígios de mais duas (l.2 e l.7). Porém, a

¹¹ Cf. a ficha epigráfica das inscrições em estudo nos n.ºs 25 e 26 do mais recente *corpus* de inscrições de *Olisipo*, respetivamente: Lúcio Vero (GUERRA *et al.*, 2024: 152-154, n.º 25) e Marco Aurélio (GUERRA *et al.*, 2024: 155-156, n.º 26).

¹² Veja-se, a título de exemplo, o uso da capital quadrada na face frontal e de atúria nas laterais, apresentando a gravação da face frontal maior rigor, em ambas as homenagens, que a da face lateral, especialmente visível na de Lúcio Vero.

inscrição original teria, pelo menos, 8 linhas, tendo-se assim perdido, totalmente, a primeira linha e um número desconhecido de linhas finais, onde figuraria o dedicante (FIG. 1).

Na l.1, optou-se por IMP. CAESARI, embora a epigrafia de *Olisipo* permita, igualmente, admitir uma abreviatura nos dois termos, IMP(eratori) CAES(ari).

A l.2 encontra-se em falta, contudo, por cima do termo “Hadriani” (l.3), podem ver-se ainda alguns vestígios dos traços verticais de caracteres que poderão corresponder, eventualmente, ao arranque do T e do N de *Antonini*. Todavia, oferecemos esta hipótese com a maior das reservas face à dificuldade em distinguir entre os traços paleográficos da própria textura da matéria-prima e o desbaste intencional que afetou todo o campo epigráfico.

O restante campo epigráfico sofreu, igualmente, significativas reduções. Na margem esquerda: nas l.s 3-5 desapareceram as três letras iniciais do termo [DIV]I, típico da filiação imperial; enquanto a l.6 foi mais afetada devido ao ângulo de inclinação da fratura existente na parte inferior da peça, que acabou por levar consigo 7 letras do início da linha. Estas corresponderiam à identificação do imperador: [L(ucio) AU]R(elio) VERO.

Anteriormente, considerou-se ler o gentílico do imperador por extenso, AURELIO, todavia, uma análise mais detalhada à letra que antecede o “V” (da qual resta apenas o arranque superior), permitiu concluir que o ângulo da curvatura não coincide com um “O” mas com um “R”. Neste sentido, propomos ler antes o gentílico abreviado, [AU]R(elio), ainda que, em termos de paginação, um número superior de caracteres mostrar-se-ia mais harmonioso¹³.

Contrariamente, na margem direita, a parte mais afetada corresponde à metade superior, concretamente, pela perda de cinco letras no final da l.3, que indicariam o grau de parentesco com o imperador Adriano, HADRIA[NI NEP(oti)]. Na l.4 perderam-se as duas letras finais da abreviatura PR[ON(epoti)]; e nas l.s.5-6, apenas a última letra dos termos ABNE[P(oti)]¹⁴ e AV[G(usto)].

¹³ Não é de descartar totalmente a hipótese de ter sido gravado o gentílico *Aelio*, lendo-se assim [L(ucio) *Aelio Au*]r(elio) Vero. Esta hipótese apresenta, por um lado, um número de caracteres mais próximo ao das restantes linhas mas, por outro, muito poucos paralelos epigráficos (cf. Roma: CIL VI 1021, em 162-163 d. C.; e *Africa proconsularis*: AE 1996, 1712).

¹⁴ Apesar de não haver vestígios conservados na pedra, considerámos ler as abrevia-

No que toca à filiação, durante a dinastia antonina e severa verificou-se uma tendência em fazer remeter até ao imperador Nerva, o fundador da dinastia. Neste caso, também nas inscrições de *Olisipo* a filiação imperial encontra-se atestada até ao 4º grau, tal como se pode observar nas homenagens de *Barcino* (IRC IV, 20), *Iluro* (CIL II 1946), *Myrtilis* (CIL II 15), *Lamas* (RAP 505) e *Libisosa* (CIL II 3234).

Propomos assim, com as necessárias precauções, a seguinte reconstituição do texto.

Leitura:

[IMP(eratori) CAESARI] / [DIVI ANTONINI PII FILIO] / [DIV]I
HADRIA[NI NEP(oti)] / [DIV]I TRAI(ani) PARTHIC(i) PR[ON(epoti)]
/ [DIV]I NERVAE ABNE[P(oti)] / [L(ucio) AV]R(elio) VERO
AV[G(usto)] / - - - - -

3.1.2. A inscrição da face frontal do pedestal de Marco Aurélio

Infelizmente, conserva-se muito menos texto na inscrição de Marco Aurélio (FIG. 3). Neste panorama, propomos assim a seguinte reconstituição.

Para a l.1, por uma questão de coerência, optou-se pela mesma terminologia, IMP. CAESARI, que a adotada para a inscrição de Lúcio Vero. Da l.2 conservam-se, parcialmente, os vestígios de dois caracteres, um I e um L, do termo [F]IL[IO]. Na l.3 é evidente a sequência EPO do termo [N]EPO[TI] e, ainda, o traço vertical do T a seguir ao O, apesar de a barra horizontal ter desaparecido por completo (FERNANDES *et al.*, 2020: 7).

Na l.4 é possível ler PRON: do P conserva-se a curvatura superior; o R e o O estão perfeitamente visíveis, sendo possível ainda perceber a haste vertical do N. Na l.5 lê-se apenas PO do termo [ABNE]PO[TI].

Na última linha conservada, resta apenas uma letra, cuja leitura não oferece qualquer dúvida, trata-se do último N do *cognomen* [ANTONI] N[O]. Neste ponto, a reconstituição do texto dificulta-se. Embora o principal critério utilizado ao longo de todo o processo de reconstituição do texto, se tenha baseado em garantir a coerência entre a terminologia e as

turas, *pr[on(epoti)]* e *abne[p(oti)]*, tendo em conta, por um lado, a harmonização da paginação do texto e, por outro, por encontrarem paralelo na homenagem a Cómodo (CIL II 187).

abreviaturas usadas em ambas as inscrições, por vezes, esta é difícil de manter sem pôr em risco a harmonia do texto no campo epigráfico¹⁵. Neste caso, optou-se assim por propor a abreviatura AVR, para o gentílico de Marco Aurélio, embora a paginação pudesse admitir a versão por extenso, por coerência com a abreviatura usada no gentílico de Lúcio Vero.

A intensa destruição da face central levanta outros problemas de reconstrução do texto, sobretudo nas ls.6-7, após o *cognomen* Antonino. O espaço estimado entre a última letra conservada (o N) e o final do campo epigráfico, não admite os quatro caracteres necessários para terminar a identificação do imperador e gravar o título honorífico [AV-G(usto)] que, seguramente, figuraria no texto.

Chegou-se a ponderar a possibilidade da existência de um nexo entre o A e o V de forma a reduzir o espaço necessário, opção já atestada entre o TH do termo PARTHIC(i). Todavia, não vemos outra alternativa senão pensar que o título AVG(usto) estivesse gravado na linha seguinte, uma opção pouco habitual, mas não impossível.

Propomos assim, com as naturais reservas, a seguinte reconstituição do texto:

Leitura:

[IMP(eratori) CAESARI] / [DIVI ANTONINI PII F]IL[IO] /
[DIVI HADRIANI N]EPO[TI] / [DIVI TRAI(ani) PARTHIC(i)
PRON[(epoti)] / [DIVI NERVAE ABNE]PO[TI] / [M(arco) AVR(elio)
ANTONI]N[O] / [AVG(usto) - - - - -

3.2. Possíveis elementos em falta em ambas as inscrições: titulatura imperial, dedicante e fórmula final

Se no início da inscrição parecem estar em falta as primeiras linhas do texto, no entanto, a profunda destruição da metade inferior de ambos os suportes, resultou na irremediável perda da parte final dos textos, não sendo possível saber ao certo quantas linhas se perderam.

¹⁵ Vejam-se algumas diferenças entre as abreviaturas dos termos que se referem ao grau de filiação imperial: “*filio*” pode ser usada por extenso em ambas; “*nepoti*” parece ser usado por extenso na homenagem de Marco Aurélio, mas abreviado – “*nep(oti)*” – na de Lúcio Vero; enquanto “*pron(epoti)*” surge abreviado em ambas; mas “*abnepoti*” parece ser usado por extenso na homenagem de Marco Aurélio, mas abreviado – “*abnep(oti)*” – na de Lúcio Vero.

Neste sentido, apresenta-se de seguida, com as necessárias reservas, uma hipótese da titulatura completa usada por ambos os imperadores à data da consagração das homenagens; e dos restantes elementos em falta, como o dedicante e uma fórmula do tipo “d(ecreto) d(ecurionum)”, cuja presença neste tipo de inscrição é, praticamente, garantida.

3.2.1. A titulatura imperial

Não é fácil prever que elementos da titulatura imperial figurariam no texto (ou mesmo se esta sequer teria sido incluída), sobretudo, tendo em conta a diversidade verificada nas titulaturas imperiais das restantes homenagens de *Olisipo*¹⁶.

Após a filiação e a onomástica imperial seria expectável encontrar a referência aos *cognomina ex deuictarum gentium*¹⁷ (títulos honoríficos que remetiam aos povos vencidos e ao carácter militar dos imperadores enquanto generais vitoriosos), ao pontificado máximo, às magistraturas políticas, às aclamações imperiais e ao título *p(ater) p(atriciae)*.

Em 164 d.C., apenas o título “Armeniacus” figurava na titulatura dos imperadores, recebido por Lúcio Vero no ano anterior (em 163 d.C.), na sequência da primeira vitória conseguida nas guerras párticas; mas apenas incluído na titulatura de Marco Aurélio, no ano seguinte.

Nesta data, a titulatura de Lúcio Vero poderia seguir a seguinte sequência: *Armeniacus*; *trib(unicia) pot(estate) IV* (no quarto poder tribunício); *co(n)s(uli) II* (cônsul pela segunda vez); e *imp(eratori) II* (aclamado imperador pela segunda vez). Recorde-se que, por um lado, Lúcio Vero nunca recebera, oficialmente, o título de *pontifex maximus* e, por outro, o título *p(ater) p(atriciae)* apenas lhe fora atribuído em 166 d.C., não podendo assim constar na inscrição (LASSÈRE, 2005: 1010).

¹⁶ Cfr. na homenagem a Nero (CIL II 183), surgem os títulos vitoriosos, *Germanicus*, o pontificado máximo e as magistraturas políticas; na de Vespasiano (CIL II 185) o pontificado máximo, as magistraturas políticas e o título de *pater patriae*; na de Adriano (CIL II 186), os *cognomina Dacicus* e *Parthicus* e as magistraturas políticas, indicando-se o desempenho do consulado antes do poder tribunício; na de Cómodo (CIL II 187), apenas os títulos vitoriosos, *Germanicus* e *Sarmaticus*; na de Filipe, o Árabe (CIL II 188) são indicados os títulos honoríficos *Pius*, *Felix* e *Pater Patriae*, e os cargos políticos e religiosos, mas não os militares.

¹⁷ Atestados nas inscrições de Adriano (CIL II 186) e Cómodo (CIL II 187), em *Olisipo*; e na Bética, em *Iluro* (CIL II 1946) e *Fiñana* (CIL II 3399).

Já a titulação completa de Marco Aurélio seria: *Armeniaco, pont(ifici) max(imo), trib(unicia) pot(estate) XVIII, co(n)s(uli) III, imp(eratori) II e p(ater) p(atriciae)* (LASSÈRE, 2005: 1011).

Neste panorama, se se considerar que figurariam no texto todos os títulos, cargos e poderes recebidos pelos imperadores à data da homenagem, então devíamos admitir a existência de, pelo menos, mais 2 a 3 linhas na parte inferior da inscrição, além da linha reservada ao dedicante. Tomem-se como paralelo os pedestais de Caracala (*Legio*: CIL II 2663) ou de *Cneus Caesius Athictus (Veii*: CIL XI 3807), cujo campo epigráfico se encontra inteiramente gravado, contrastando com o da face lateral.

3.2.2. O dedicante e a fórmula final

Por fim, à semelhança do modelo utilizado pela cidade nas restantes homenagens imperiais, é plausível pensar que, nas linhas finais do texto, se encontrasse a identificação do promotor do monumento: a cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* seguida, porventura, de uma fórmula do tipo *D(ecreto) D(ecurionum)*.

Quanto à grafia utilizada, sabemos que o nome da cidade surge gravado mediante variadas formas, desde, *Felicitas Iulia Olisipo*, por extenso, nos pedestais de Adriano (CIL II 186) e Sabina (CIL II 4992); abreviado, como *Fel(icitas) Iul(ia) Olisipo*, nas homenagens a Matidia (CIL II 4993) e Filipe (CIL II 188), ou ainda *Fel(icitas) Iul(ia) Olis(i-po)*, como na de Cómodo (CIL II 187). A opção tomada parece relacionar-se apenas com o espaço disponível no campo epigráfico e com a paginação dos textos.

Não obstante, a autorização oficial, concedida pelos decuriões para a colocação de uma estátua num espaço público, surge atestada na epigrafia como *D(ecreto) D(ecurionum)*. Nas inscrições imperiais olisiponenses, encontra-se atestada apenas nas homenagens de Adriano (CIL II 186) e de Sabina Augusta (CIL II 4992): na primeira, a suceder o nome da cidade e, na segunda, a anteceder-lo. Todavia, podemos encontrá-la noutras inscrições da Lusitânia, por exemplo, na dedicatória de *Myrtilis* a Marco Aurélio (CIL II 15); ou, da Bética, na dedicatória de *Ilurco* a Lúcio Vero (CIL II 2/5, 679).

Considerando assim que o nome do dedicante e a fórmula *d(ecreto) d(ecurionum)* estivessem gravados na mesma linha e que, cada linha,

comportasse entre 15 a 18 caracteres propomos, avançamos com a seguinte proposta para as ls.9/10: “FEL(icitas) IUL(ia) OLISIPO D(ecreto) D(ecurionum)”. A abreviatura dos dois primeiros termos do nome da cidade tem como paralelo a inscrição de Filipe, o Árabe (CIL II 188); enquanto a presença da autorização dada pelos decuriões, baseia-se nos pedestais de Adriano (CIL II 186) e Sabina Augusta (CIL II 4992). Porém, qualquer outra proposta, com distinta *ordinatio*, poderia ser admitida.

Por último, note-se que, nas homenagens olisiponenses dedicadas a Matidia (CIL II 4993), Adriano (CIL II 186), Sabina (CIL II 4992) e Cómodo (CIL II 187), a cidade surge representada através dos seus magistrados anuais, os duúnviros, introduzidos pela preposição “per”¹⁸ regida pelo acusativo, como vemos, por exemplo, na inscrição de Cómodo: “Fel(icitas) Iul(ia) Olis(ipo) / per Q(uintum) Coelium Cassianum / et M(arcum) Fabium Tuscum Iivir(os)” (CIL II 187).

Este modelo, contudo, não se verifica nas homenagens consagradas, pela mesma cidade, aos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero.

3.3. As inscrições da face lateral

Os duúnviros surgem igualmente referidos nas dedicatórias a Marco Aurélio e Lúcio Vero, todavia, o modelo utilizado nestas inscrições difere do das restantes homenagens imperiais de *Olisipo*, especialmente, em dois aspetos: a nível do formulário e a nível da disposição textual.

A nível de formulário, destaca-se a presença de dois cônsules (em ablativo) seguida de dois duúnviros (também em ablativo) que, nesse ano, desempenhavam a magistratura em *Olisipo*.

O facto de o conjunto “cônsules + duúnviros”, se encontrar no mesmo caso gramatical (ablativo) sugere estarmos perante a indicação de uma datação consular e seguida de uma datação local. Não obstante, tendo em conta as outras homenagens imperiais de *Olisipo*, é plausível pensar que, os duúnviros aqui representados não servissem apenas de indicação cronológica, mas que tivessem desempenhado, igualmente, um papel concreto enquanto promotores das dedicatórias, juntamente com a cidade. Note-se que estes duúnviros pertenceriam a famílias olisiponenses largamente

¹⁸ Tal como noutras dedicatórias da Lusitânia, como no altar de Lamas (RAP 508) ou no pedestal de *Myrtilis* (CIL II 15). Cfr. ainda com a dedicatória de *Ilurco* (CIL II 2/5, 679), na Bética, onde os duúnviros surgem no genitivo.

documentadas na epigrafia romana da cidade: a dos *M. Caecilii* e a dos *Q. Iulii* (FERNANDES *et al.*, 2020: 3).

Note-se ademais que, além destas inscrições, só se conservaram em *Olisipo* mais duas com a datação consular, concretamente, a ara a *Magna Mater* (CIL II 179) consagrada, em 108 d.C., pelos duúnviros (introduzidos pela preposição “per”, como é típico da epigrafia olisiponense); e a placa que documenta a restauração das termas dos Cássios, em 336 d.C., pelo governador da Lusitânia, *Numerius Albanus* (CIL II 191).

A nível da disposição textual, as homenagens a Marco Aurélio e Lúcio Vero consistem num exemplo pouco habitual de inscrições cujo texto, como já tivemos oportunidade de referir, se distribui por duas faces distintas¹⁹: na frontal, o homenageado e o dedicante; e, na lateral, a referência cronológica dada através da referência aos cônsules e aos magistrados municipais (FIG. 4).

Procurou-se, neste sentido, por outras inscrições em cidades da Lusitânia, da Hispânia e, mesmo, de outras províncias do império, que pudessem corresponder a paralelos epigráficos para as dedicatórias de *Olisipo*.

Da Lusitânia, destacaram-se duas inscrições honoríficas. A primeira, consagrada pela cidade de *Pax Iulia* a Lúcio Vero, apresenta a sequência “dedicante + d. d. + duúnviros (ablativo)”: *col(onia) Pax Iulia / d(ecreto) d(ecurionum) / Q(uinto) Petronio Materno / C(aio) Iulio Iuliano / Ilvir(is)* (CIL II 47).

Já a segunda consistirá, porventura, num dos paralelos mais próximos, a nível de formulário, das inscrições de *Olisipo*. Em 167 d.C., a cidade de *Collipo* (Leiria) consagra uma homenagem a *Divo Antonino Pio*, durante o reinado conjunto de Lúcio Vero e Marco Aurélio, utilizando igualmente a sequência “*ex d. d.* + cônsules e duúnviros (ablativo)”: “*dedicata ex d(ecreto) d(ecurionum) / XIII K(alendas) Octobr(es) Imp(eratore) Caes(are) / L(ucio) Aurelio Vero Aug(usto) / III M(arco) Um[m]idio Quadrato / co(n)s(ulibus) Ilvir(is) / Q(uinto) Allio Maximo / C(aio) Sulpicio Siloniano*” (CIL II 5232). Todavia, nem a inscrição de *Collipo* nem a de *Pax Iulia*, se encontram distribuídas por duas faces.

Neste sentido, procurou-se, exclusivamente, por inscrições com a datação consular gravada na face lateral dos monumentos. Na Hispânia Citerior, destacam-se duas inscrições de *Legio*.

¹⁹ Veja-se, com exceção, o caso do CIL II 195. Todavia, tratam-se de dois textos independentes.

A primeira, um pequeno altar consagrado a *Minervae Patriae Conservatrici*, data do reinado de Alexandre Severo (227 d.C.), como sugere a indicação, “dedic(atum) IIII Id(us) Iun(ias) [Albi]no et [Maxi]mo co(n)s(ulibus)” (IRPLEon 25).

A segunda consiste numa base de estátua dedicada a Caracala, em 216 d.C., por um grupo de cavaleiros da *Legio VII Gemina*, que contém na face lateral esquerda a indicação “dedicat(um) VII K(alendas) Oct(obres) Cattio Sabino II et Cor(nelio) Anullino co(n)s(ulibus)” (CIL II 2663). Note-se que, nestes casos, a ausência dos duúnviros é justificada pelo facto de ambas as inscrições terem sido colocadas em meio militar e não municipal, por elementos do exército e não pelas cidades/comunidades.

Atente-se, ainda, a outras particularidades observadas no pedestal de Caracala, que nos podem ajudar a compreender melhor as dedicatórias de *Olisipo*. É particularmente evidente o cuidado dispensado na face frontal (onde surgem mencionados o homenageado e o dedicante), tanto a nível decorativo (note-se a moldura) como paleográfico (caracteres gravados e distribuídos com maior rigor) em comparação com a lateral. Este fenómeno encontra-se, igualmente, nos pedestais de *Olisipo*, especialmente visível no de Lúcio Vero.

A diferença observada entre as duas faces, tanto na paleografia como na *ordinatio*, das inscrições de *Olisipo*, foi uma das questões que, desde logo, dificultaram a sua associação e interpretação, chegando-se a pensar terem sido gravados em momentos cronológicos distintos: a de Marco Aurélio, uma reutilização feita, em 164 d.C., de um pedestal do séc. I d.C. (FERNANDES *et al.*, 2020: 6); e, a de Lúcio Vero, uma reutilização funerária tardia²⁰ (SALGADO, 2004: 54-55).

Todavia, comparando com o caso do pedestal de Caracala, é plausível pensar que, afinal, esta seria a tendência generalizada neste tipo de monumentos. O facto de a inscrição lateral ser menos cuidada que a da face frontal, justificar-se-ia pelo seu papel “secundário” e menos “visível”.

Por sua vez, vejamos agora duas inscrições da Bética, que apresentam o mesmo esquema, mas não se tratam de homenagens imperiais. A primeira consiste numa dedicatória votiva de uma estátua de prata consagrada a *Pietati Augustae* mandada fazer por disposição testamentária pelo *flamen provinciae Baeticae* e *pontifex perpetuus domus Au-*

²⁰ Sustentado, ainda, pela cavidade de secção circular escavada no topo, com 57 cm de diâmetro e 36 cm de profundidade.

gustae, L. *Lucretius Fulvianus*²¹, com a datação consular gravada na face lateral (Tucci: CIL II 1663). A segunda, uma dedicatória honorífica mandada fazer pela *res publica Italicensium* ao *procurator provinciarum Macedoniae Lusitaniae Mauretaniae Tingitanae, fortissimus dux*, C. *Vallius Maximianus*, por ter restituído a paz no território. A homenagem é datada de 177-178 d.C., durante o reinado de Marco Aurélio e Cómodo, todavia, neste caso, a datação é feita somente com recurso à indicação dos magistrados municipais e não dos cônsules, “*dedicata anno / Licini Victoris et / Fabi Aeliani Ilviror(um) / pr(idie) Kal(endas) Ianuar(ias)*” (*Italica*: CIL II 1120).

À escala do império, as inscrições com a datação consular gravada numa face lateral não são representativas (c. três dezenas de inscrições). Grosso modo, com exceção dos raríssimos testemunhos anteriores à dinastia Aélia-Antonina (cf. Roma: CIL II 47168, 68 d. C.), os restantes distribuem-se entre o reinado de Trajano (Roma: AE 1936 95, 98 d. C.) e Probo (*Volturnum*: CIL X 3728, 281 d. C.), concentrando-se maioritariamente na primeira metade do séc. III d.C., com um núcleo muito expressivo na dinastia severa²². Este é o cenário igualmente encontrado na realidade hispânica.

Não obstante, se procurarmos como paralelos, inscrições gravadas em duas faces, estando uma delas destinada a um sistema de datação que utiliza, simultaneamente, uma referência consular e uma referência local, então, os exemplos são raríssimos.

²¹ A inauguração da estátua foi acompanhada por jogos, espetáculos cénicos e um banquete que a sua mulher, a flâmica perpétua, *Lucretia Campana*, acrescentou à doação (Navarro Caballero, 2017: 220). Cfr. com a dedicatória de *Annia Severa* a Marco Aurélio, *ob honorem pontificatus* de M. *Sergius Maternus* (CIL II 2/5, 59), cuja inauguração contou igualmente com uma série de outras doações, tais como jogos e banquetes.

²² *Etruria* (CIL II 47168 - 68 d. C.; AE 1936, 95 - 98 d. C.; AE 1955 120 - 152 d. C.; CIL XI 7555 - 173 d. C.; Binder, 2008: 155 - 193 d. C.; CIL VI 31338a - 214 d. C.; CIL VI 413 - 244 d. C.; CIL XI 3807 - 256 d. C.). *Latium et Campania (Lavinium)*: AE 1975, 142 - 196 d. C.; *Minturnae*: CIL X 6012 - 249 d. C.; *Ostia*: AE 1967, 74 - 140 d. C.; CIL XIV 367 - 182 d. C.; CIL XIV 172 - 184 d. C.; AE 1967, 199 - 254-257 d. C.; *Praeneste*: AE 1998, 286 - 243 d. C.; CIL XIV 2972 - 243 d. C.; *Privernum*: AE 1974, 228 - 137 d. C.; *Volturnum*: CIL X 8215 - 198 d. C.). *Samnium* (AE 1972, 163 - 193 d. C.). *Transpadana* (CIL V 6596 - 225 d. C.). *Umbria* (CIL XI 5178 - 157 d. C.). *Africa proconsularis* (CIL VIII 14684 - 214 d. C.). *Numidia* (AE 1908 242 - 182 d. C.; CIL VIII 4583 - 198 d. C.; AE 1914, 45-46 - 225 d. C.; AE 1955, 155 - 237 d. C.; AE 1905, 35 - 265 d. C.). *Moesia inferior* (AE 1975, 753 - 203 d. C.; AE 2015, 1215 - 212 d. C.; CIL III 6224 - 224 d. C.); *Pannonia superior* (AE 1966 286 - 219 d. C.).

Vejam-se os casos das inscrições de *Ostia* (CIL XIV 4148) e de *Volturnum* (CIL X 3728). A primeira, datada de 166 d.C., refere o nome dos dois cônsules e dois duúnviros no ablativo, tal como no caso de *Olisipo*; já a segunda, datada de 281 d.C., refere os cônsules no ablativo e os duúnviros no acusativo, em concordância com a fórmula “tempore/anno Ilvirum”. Todavia, nenhuma delas foi gravada numa das faces laterais do monumento.

Por sua vez, vejamos as inscrições de *Trebula Suffenas* (AE 1972, 163) e *Veii* (CIL XI 3807), ambas introduzindo a datação consular através da fórmula “dedicata” e, de seguida, o nome de duúnviros anuais, gravados na face lateral²³.

No caso da primeira, os cônsules estão no ablativo, mas os duúnviros são indicados no genitivo, em concordância com a fórmula “durante o *Ilvir(atu)* de”, remetendo a homenagem para o ano de 193 d.C.

A segunda inscrição consiste num pedestal de estátua moldurado dedicado, em 256 d.C., pelos cidadãos de *Veii* (na Etrúria), a *Cnaeus Caesius Athictus*, membro do senado local (CIL XI 3807). A indicação cronológica é feita através da menção aos dois cônsules e aos dois duúnviros, ambos no ablativo, gravados na face lateral “Dedicata / Kalendis / Apriles / Maximo / et Glabrione co(n)s(ulibus) / Felice et Nemonio / Silvano Ilviris / Veientium”. Embora não se trate de uma homenagem imperial, este parece ser o paralelo mais próximo das inscrições de *Olisipo*.

Da mesma forma, é possível que nas inscrições de *Olisipo* figurasse, igualmente na l.1, um termo introdutório, tal como “dedicata”, antes da referência aos cônsules e aos duúnviros. Note-se ainda que, a linha inicial em falta nas faces laterais, corresponde à l.2 da inscrição frontal, admitindo ainda, por isso, a existência de outra linha acima (veja-se o pedestal de Legio a Caracala, no qual é bem visível o início da gravação do texto da face lateral, ao nível da moldura da face frontal).

Não obstante, propomos assim a seguinte reconstituição do texto para as faces laterais das homenagens de *Olisipo*.

²³ Verifica-se ainda um grupo de inscrições que apresenta a datação consular seguida da indicação de um ou dois magistrados municipais, que desempenharam o papel de supervisores da execução do monumento, “*sub cura*”, podendo ser duúnviros (*Ostia*: CIL XIV 172 – 184 d. C. (?); *Volturnum*: CIL X 8215 – 198 d. C. (?)) ou não (Praeneste: AE 1998, 286; CIL XIV 2972, 243 d. C., um *sevir Augustal*).

Leitura (pedestal Marco Aurélio):

[...] / [M(arco) PO]MPEIO MACRI[NO] / P(ublio) IVVENTIO
CELSE CO(n)S(ulibus) / M(arco) CAECILIO AEMILIAN[O] /
Q(uinto) IVLIO MARCELLIANO IIVI[R(is)] // (FIG. 4)

Leitura (pedestal Lúcio Vero):

[...] / [M(arco) POMPEIO MACRINO] / [P(ublio) IVVENTIO]
CELS[O CO(n)S(ulibus)] / [M(arco) CAECILIO] AEM[ILIANO] /
[Q(uinto) IVLIO MAR]CELLIANO [IIVIR(is)] //

O facto de, em ambas as inscrições, se verificar um amplo espaço livre entre a última linha do texto e o final do campo epigráfico, confirma que não houve qualquer intenção de ser adicionada uma fórmula final (como, aliás, é o modelo tradicionalmente seguido nesta cronologia para este tipo de homenagens).

3.4. Proposta de leitura e tradução completa

Segue-se uma proposta final de leitura interpretada e tradução dos textos que figuram nas inscrições gravadas ao longo das duas faces dos pedestais olisiponenses dedicados a Lúcio Vero e Marco Aurélio, respetivamente.

Leitura inscrição Lúcio Vero:

(*in fronte*) [Imp(eratori) Caesari] / [Divi Antonini Pii filio] / [Div]i
Hadria[ni nep(oti)] / [Div]i Trai(ani) Parthic(i) pr[on(epoti)] / [Div]i
Nervae abne[p(oti)] / [L(ucio) Au]r(elio) Vero Av[g(usto)] / - - - - - //
(*in latere intuentibus dextro*) - - - - - / [M(arco) Pompeio Macrino]
/ [P(ublio) Iuventio] Cels[o co(n)s(ulibus)] / [M(arco) Caecilio]
Aem[iliano] / [Q(uinto) Iulio Mar]celliano [IIVir(is)] //

Tradução:

Ao Imperador César, filho do divino Antonino Pio, neto do divino Adriano, bisneto do divino Trajano Pártico, trineto do divino Nerva, Lúcio Aurélio Vero Augusto (...) // (...) sendo cônsules, Marco Pompeio Macrino, Públio Juvêncio Celso; e duúnviros, Marco Cecílio Emiliano e Quinto Júlio Marceliano.

Leitura inscrição Marco Aurélio:

(in fronte) [Imp(eratori) Caesari] / [Divi Antonini Pii filio] / [Divi Hadriani nepo] / [Divi Trai(ani) Parthici] pr[on(epoti)] / [Divi Nervae abnepo] / [M(arco) Aur(elio) Antoni]n[o] / [AVG(usto)]
 ----- // (in latere intuentibus dextro) ----- / [M(arco) Pompeio Macri]n[o] / P(ublio) Iuventio Celso Co(n)[s(ulibus)] / M(arco) Caecilio Aemilian[o] / Q(uinto) Iulio Marcelliano Ivi[r(is)]

Tradução:

Ao Imperador César, filho do divino Antonino Pio, neto do divino Adriano, bisneto do divino Trajano Pártico, trineto do divino Nerva, Marco Aurélio Antonino Augusto (...) // (...) sendo cônsules, Marco Pompeio Macrino, Públio Juvêncio Celso; e duúnviros, Marco Cecílio Emiliano e Quinto Júlio Marceliano.

3.5. Considerações finais acerca da disposição textual e do local de implantação original

Os pedestais olisiponenses foram ambos encontrados descontextualizados. Não há qualquer tipo de evidência, nas proximidades do núcleo histórico de Telheiras, onde foi encontrado o pedestal de Lúcio Vero, que permita supor que tivesse existido aí algum complexo arquitetônico romano que justificasse a presença de uma estátua imperial. Já o pedestal de Marco Aurélio, parece ter permanecido próximo do seu local de implantação original.

Ora, não é de descartar a hipótese de ambos os pedestais imperiais terem sido, originalmente, colocados no teatro romano, onde figurariam séries estatuárias dedicadas aos imperadores, ou mesmo nas suas imediações, uma vez que, as vias que conduziam aos principais edifícios públicos da cidade estavam repletas de monumentos honoríficos e votivos, que compunham uma paisagem iconográfica de grande impacto visual, que funcionava como meio privilegiado de propaganda, representação e culto imperial (FERNANDES *et al.*, 2015: 213).

A concentração de elementos decorativos, arquitetônicos e epigráficos na zona em redor ao teatro, com destaque para o pedestal dedicado a Sabina Augusta, dedicado pelos duúnviros de *Olisipo*, confere aos pedestais de Lúcio Vero e Marco Aurélio um apropriado contexto de implantação. Mais recentemente, a descoberta de um possível templo de culto imperial nas imediações de uma das entradas monumentais do

edifício cénico, surge como outro potencial local de implantação para estes pedestais (cf. FERNANDES *et al.*, 2020: 3-7).

Não obstante, consideramos que, tendo em conta o carácter eminentemente público e oficial das homenagens, é preferível pensar que ambos os pedestais estivessem originalmente destinados a serem colocados num “*celeberrimus locus*”, o fórum, por excelência.

De entre os vários problemas que enfrenta o estudo das estruturas forenses na Lusitânia, o escasso conhecimento do fórum de *Olisipo* levou a que se continuassem a levantar questões acerca da sua localização, natureza e estrutura. Mais recentemente, foi sugerido por Theodor Hauschild (1994: 348 e ss) que este estaria implantado na ampla plataforma localizada imediatamente acima do teatro romano, onde se situa hoje o Convento dos Lóios. Acrescente-se que o Convento dos Lóios assenta sobre um conjunto de galerias subterrâneas, de tipo criptopórtico, entulhadas, possivelmente, desde o terramoto de 1755 (FABIÃO, 2010: 353 e ss).

Com o passar dos séculos, a necessidade de pedra para as sucessivas (re)construções da cidade, levou a um incessante fenómeno de delapidação dos monumentos do passado, agora obsoletos, quase até ao seu depauperamento total (como testemunhou o teatro romano).

A natureza utilitária deste tipo de materiais (grandes blocos de pedra perfeitamente afeiçoada) levou à sua constante reutilização ao longo do tempo. Neste sentido, a sua mobilidade foi completamente aleatória, como reflete o facto de o pedestal de Marco Aurélio ter permanecido próximo do seu local de implantação original (seja ela o teatro ou o fórum), e o pedestal de Lúcio Vero ter viajado até Telheiras, servindo múltiplas reutilizações entre as quais, base de cruzeiro²⁴ e floreira.

Com as devidas precauções, aponta-se como hipótese para o traslado deste pedestal para Telheiras, o período imediatamente posterior ao Grande Terramoto de 1755, quando foi posto em marcha o projeto urbanístico para a reconstrução de Lisboa, implementado pelo Marquês de Pombal. Recorde-se que fora, precisamente, no decurso das obras de renovação urbanística na encosta do Castelo que, em 1798, foram descobertas as ruínas do teatro romano. Neste contexto, destaquem-se os trabalhos de aterro, escavação e recolha de elementos arqueológicos levados a cabo pelo arquiteto italiano, Francisco X. Fabri e por Manoel Caetano de Sousa.

²⁴ E não urna funerária, como nos explicou Moisés Campos, técnico de conservação e restauro do CAL.

Segundo F. Andrade Lemos, Telheiras fora um dos sítios escolhidos pelo Marquês de Pombal, enquanto ministro do Reino e presidente de Mesa da Irmandade de N.^a Sr.^a da Porta Coeli (entre 1755-1760), para trazer o entulho da reconstrução da zona da futura Baixa Pombalina²⁵.

A esta informação podemos adicionar o facto de, durante a Idade Média, ter começado a exploração de extensas áreas de vinhedos em toda a região em redor de Telheiras, feita por instituições religiosas como a ordem do Mosteiro de S. Vicente de Fora (um dos maiores terra-tenentes de Telheiras), que cedeu lugar, no séc. XVIII, à Ordem dos Lóios (LEMONS e LEMOS, 2000a: 44 e 46; 2000b: 66), ambas instituições com casa na zona antiga de Lisboa que correspondia ao núcleo urbano da cidade romana.

Por fim, olhando como exemplo para um pedestal de *Legio* dedicado a Júlia Mamaea (CIL II 2664), mãe do imperador Alexandre Severo, cuja datação consular remete para o ano de 234 d. C., podemos pensar que tivesse sido dedicado também outro pedestal em homenagem ao imperador.

Se considerarmos essa hipótese, as homenagens funcionariam como um conjunto de culto imperial colocado num espaço público e oficial, datado por datação consular, à semelhança das homenagens a Marco Aurélio e Lúcio Vero em *Olisipo*.

Todavia, embora se encontre atestado em *Legio* um exemplo da gravação da datação consular na face lateral de uma homenagem imperial, concretamente, no pedestal dedicado a Caracala (CIL II 2663), a inscrição de Júlia Mamaea foi exclusivamente gravada ao longo da face frontal.

Podemos então perguntar-nos o que levaria as comunidades locais a optarem pela gravação lateral da referência cronológica (fosse ela de teor consular e/ou municipal). Estaria dependente do contexto de implantação original do monumento ou tratar-se-ia apenas de uma moda epigráfica? É uma tendência exclusivamente reservada a homenagens imperiais ou encontra-se presente noutro tipo de inscrições? Em suma, teria esta disposição um intuito específico?

²⁵ Informação que me foi transmitida pelo próprio Dr. Fernando Andrade Lemos, Presidente do Centro Cultural Eça de Queiroz (CCEQ-CCT), a quem muito agradeço. A Irmandade de N.^a Sr.^a da Porta Coeli & do Glorioso S. João Baptista, criada em 1625, foi ganhando importância pelos seus ilustres membros: o rei D. João V e D.^a Maria Ana de Áustria em 1749-1750, foram Juizes da Irmandade; D. José I e D. Mariana Vitória de Bourbon, em 1752; e Sebastião José de Carvalho e Melo, presidente da Mesa da Irmandade entre 1755-60 (LARCHER, 2008: 38-42; LEMOS e LEMOS, 2000b: 51 e 67).

O facto de as inscrições laterais de ambos os pedestais de *Olisipo* terem sido gravadas do lado direito (*in latere intuentibus dextro*) afasta a hipótese de o conjunto estatutário ter sido colocado num local de passagem, nomeadamente, a ladear a entrada de uma sala, arco, etc., uma vez que, desta forma, não seria possível a leitura de uma das inscrições gravada numa face lateral. Neste sentido, de modo a garantir a visibilidade de todas as faces dos pedestais, estes teriam adotado uma implantação do tipo, frente a frente, por exemplo, em cantos opostos de uma sala; ou, no centro, virados de costas um para o outro.

Em suma, esta tendência não parece estar reservada a um tipo concreto de texto ou suporte, sendo encontrada em homenagens imperiais, dedicatórias a membros da elite provincial ou local, votos religiosos, inscrições monumentais ou mesmo em inscrições funerárias (cf. CIL VIII 14684). A única característica que as une é a oficialidade do ato, muitas recordando a autorização do decreto dos decuriões.

Não obstante, por todo o império encontram-se inscrições que comemoram atos oficiais recordados através da datação consular, mas que não evidenciam este tipo de disposição textual. Neste sentido, talvez seja impossível um dia vir a compreender a razão de, em 164 d.C., *Felicitas Iulia Olisipo* ter optado por mandar gravar a datação consular e local nas faces laterais das bases de estátua de Lúcio Vero e Marco Aurélio.

Independentemente, tendo em conta a rara disposição textual, parece seguro afirmar que ambas as dedicatórias honoríficas beneficiariam de uma posição privilegiada no seu local de implantação original. Uma coisa é certa, as inscrições de *Olisipo* materializam um ato público revestido de uma importância e oficialidade fora do comum em contexto local, uma vez que, nem antes nem depois, a cidade parece voltar a consagrar homenagens imperiais com este tipo de cuidado, rigor e solenidade.

Bibliografia

- ALMEIDA, Andreia Nunes de (2006) – *A antroponímia na epigrafia romana de Felicitas Iulia Olisipo. Contributo para o estudo social, político e económico do municipium na época imperial*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ALFÖLDY, Géza (2003) – Administración, urbanización, instituciones, vida pública y orden social, *Canelobre*, 48, pp. 35-57.

- ALFÖLDY, Géza (2007) – Fasti und Verwaltung der hispanischen Provinzen: zum heutig Stand der Froschung, in HAENSCH, R. e HEINRICHS, J., eds. – *Herrschen und Verwalten: der Alltag der römischen Administration in der Hohen Kaiserzeit*, Cologne, pp. 325-356.
- BARNES, Timothy D. (1967) – Hadrian and Lucius Verus, *JRS*, 57, 1/2, pp. 65-79.
- BINDER, Gerhard (2008) – *Von Rom nach Rimini: eine Reise auf der Via Flaminia*, Mainz.
- BIRLEY, Anthony R. (2007) – Hadrian to the Antonines, *CAH*, 11, Cambridge University Press, pp. 132-193.
- BONNEVILLE, Jean N. (1982) – Les inscriptions imperiales de Barcino (Barcelone), un reflect de l'Histoire de la Colonie, in *Homenaje a Sáenz de Buruaga*, Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valencia, pp. 365-388.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1972) – Epigrafia Romana Colipolense, *Conimbriga*, 11, pp. 41-19.
- CAESSA, Ana e ENCARNANÇA, José d' (2012) – Epigrafia de *Olisipo* – 66 anos depois!, in DONATI, Ângela; POMA, Gabriella, eds. – *L'Officina Epigrafica Romana: In ricordo di Giancarlo Susini [Atti del Convegno di Bertinoro]*, Faenza: Fratelli Lega Editori, pp. 403-420.
- CAMERON, Alan (2016) – *Pontifex Maximus: from Augustus to Gratian – and Beyond*, in KAHLOS, M., ed. – *Emperors and the Divine – Rome and its Influence*, Collegium: Studies across disciplines in the Humanities and Social Sciences 20, Helsinki, pp. 139-159.
- DIEGO SANTOS, Francisco (1986) – *Inscripciones romanas de la provincia de León*, León: Institución Fray Bernardino de Sahagún. (=IRPLéon).
- DUNCAN-JONES, Richard (2018) – The Antonine plague revisited, *Arctos*, 52, pp. 41-72.
- FABIÃO, Carlos (2010) – Modelos forenses nas cidades da Lusitania: balanço e perspectiva, in NOGALES BASARATE, Trinidad, ed. – *Studia Lusitana 4: Ciudad y Foro en Lusitania Romana*, pp. 343-359.
- FERNANDES, Lúdia e CAESSA, Ana (2006/2007) – O *proscenium* do Teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico, *Arqueologia e História*, 56/57, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 83-102.
- FERNANDES, Lúdia *et al.* (2015) – Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 203-224.
- FERNANDES, Lúdia *et al.* (2020) – Duas inscrições junto ao teatro de *Olisipo*, *FE*, 205, pp. 1-16.
- FERNANDES, Luís da Silva (2005) – *C. Heius Primus, augustalis perpetuus*. Teatro e encenação do poder em *Olisipo*, *Máthesis*, 14, pp. 29-40.
- GARCIA, José Manuel (1991) – *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (= RAP).
- GRANT, Michael (1994) – *The Antonines: the Roman Empire in transition*, London and New York: Routledge.
- GRIMAL, Pierre (2010) – *O Império Romano*, Edições 70.
- GUERRA, Amílcar *et al.* (2024) – *Felicitas Iulia Olisipo: Corpus epigráfico (FIO - CE). Vol. I – Olisipo*, Lisboa.

- HAUSCHILD, Theodor (1994) – Das römische Theater von Lissabon: planaufnahme 1985-1988, *Madrider Mitteilungen*, 31, pp. 348-392.
- HERNÁNDEZ GUERRA, Liborio (1999) – *Epigrafia romana de unidades militares relacionadas com Petavonium (Rosinos de Vidriales, Zamora): estudo social, religioso y prosopográfico*, Valladolid: Universidad de Valladolid.
- HIRT, Alfred M. (2010) – *Imperial Mines and Quarries in the Roman World. Organizational Aspects 27 BC – AD 235*, Oxford: Oxford University Press.
- HØJTE, Jacob M. (2005) – Roman Imperial Statue Bases: from Augustus to Commodus, *Aarhus studies in Mediterranean antiquity*, 7 (Acta Jutlandica 80: 2; Humanitas series 78), Aarhus University Press.
- JORDÁN, Ángel A. (2006) – Un homenaje a Marco Aurelio y Lucio Vero procedente de Calahorra, in MELCHOR GIL, Enrique e RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco, eds. – *Poder central y autonomia municipal: la proyección pública de las élites romanas de Occidente*, Universidad de Córdoba, pp. 113-130.
- LARCHER, Madalena (2008) – O Convento de Nossa Senhora da Porta do Céu, *Cadernos Culturais de Telheiras*, 2ª série, 1, pp. 29-57.
- LASSÈRE, Jean-Marie (2005) – *Manuel d'épigraphie romaine*, II vols, Paris: Picard.
- LEMOs, Ana Rebelo de Andrade e LEMOs, Rita Rebelo Andrade (2000a) – Telheiras de 1258 a 1397, *Olisipo, Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa"*, 2ª série, 12 (especial), pp. 44-46.
- LEMOs, Ana Rebelo de Andrade e LEMOs, Rita Rebelo Andrade (2000b) – Telheiras na 2ª metade do séc. XVIII, *Olisipo, Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa"*, 2ª série, 12 (especial), pp. 66-71.
- MANTAS, Vasco Gil (1982) – Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras, *Conimbriga*, 21, pp. 5-99.
- MANTAS, Vasco Gil (1994) – Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana, *Lisboa Subterrânea*, Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 70-75.
- MANTAS, Vasco Gil (2005) – “Os Magistrados Olisiponenses do Período Romano”, *Turres Veteras*, 7, *História das Figuras do Poder*, CMTV: Torres Vedras, pp. 23-54.
- MATEOS CRUZ, Pedro e MORÁN SÁNCHEZ, Carlos Jesús, eds. (2020) – Exemplum et Spolia: la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas, *MYTRA, Monografías y Trabajos de Arqueología*, 7, Instituto de Arqueología de Mérida, vols. 1-2.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros (2017) – *Perfectissima femina: femmes de l'élite dans l'Hispanie romaine*, Ausonius: Burdeos.
- QUINTEIRA, Catarina e ENCARNACÃO, José d' (2009a) – CIL II 182, de *Olisipo, Conimbriga*, 48, pp. 181-187.
- QUINTEIRA, Catarina e ENCARNACÃO, José d' (2009b) – Pedestal ao divino Augusto, de *Olisipo*, reencontrado, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, 7, pp. 143-146.
- REIS, Sara Henriques dos (2015) – *Religião e Sociedade no Municipium Olisiponense*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- REIS, Sara Henriques dos (2019) – *Felicitas Iulia Olisipo*. A cidade e o imperador, in *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo. Os Monumentos Epigráficos*, Lisboa: CML, pp. 52-69.

- REIS, Sara Henriques dos (2020) – Pedestal honorífico de *L. Aurelius Verus* em *Olisipo* (*conventus Scallabitanus, Olisipo*), *FE*, 209, pp. 8-16.
- REIS, Sara Henriques dos (2022) – Pedestal honorífico de *L. Aurelius Verus* em *Olisipo* (*Parte II*), *FE*, 227, pp. 1-16.
- RIBEIRO, José Cardim (2011) – *Soli Aeterno Lunae* – Cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da Serra de Sintra: ¿Um caso complexo de sincretismo?, in RIBEIRO, José Cardim, ed., *Diis Deabusque, Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia “Culto e Sociedade”*, (*Sintria, III-IV*), Sintra: MASMO, pp. 595-624.
- RIBEIRO, José Cardim (2019) – Escrever sobre a margem do *Oceanus*: epigrafia e *religio* no santuário do sol poente (*provincia Lusitania*), *Sylloge Epigraphica Barcinonensis. Annexos III*, Barcelona: Universitat de Barcelona.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (2005) – Las nuevas “stationes Lucensi et Brigantina” en el finisterre ibérico del Imperio Romano, *Paleohispanica 5 (Actas del IX coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004)*, pp. 873-892.
- SAGREDO SAN EUSTAQUIO, Luíse e JIMÉNEZ de FURUNDARENA, Agustín (1996) – La religión practicada por los militares del ejército romano de Hispania durante el Alto Imperio (ss. I-III), *Espacio, Tiempo y Forma, Série II, Historia Antigua*, 9, pp. 289-319.
- SALGADO, Salette (2004) – Uma Pedra Romana de Telheiras, *1^{as} Jornadas Histórico-Culturais do Lumiar*, pp. 49-55.
- SANTOS YAGUAS, Narciso (2009) – Ejército romano y urbanismo enterritorio de los astures, *Gerión*, 27.1, pp. 361-385.
- STYLOW, Armin U. (1983) – Inscripciones latinal del sur de la provincia de Córdoba, *Gé-rion*, 1, pp. 267-304.
- WEAVER, Paul Richard C. (1972) – *Familia Caesaris. A Social Study of the emperor's freed men and slaves*, Cambridge University Press: Cambridge.



FIG. 1 - A inscrição da face frontal do pedestal Lúcio Vero.



FIG. 2 - A inscrição da face lateral do pedestal de Lúcio Vero.



FIG. 3 - A inscrição da face frontal do pedestal de Marco Aurélio.



FIG. 4 - A inscrição da face lateral do pedestal Marco Aurélio.